

Horizonte

RURAL

A Nova Visão do Agronegócio

Julho | Agosto | Setembro 2015 Nº 3
www.horizonterural.com.br
Distribuição Gratuita

TECNOLOGIA E INOVAÇÃO EM CONFINAMENTO

Na Fazenda "Liberdade do Mato Dentro", trabalho bem direcionado, alimentação balanceada e consultorias especializadas garantem o sucesso nos resultados

INSPIRAÇÃO

"Seo" Toniquinho, um dos precursores do Cooperativismo no Vale do Paraíba



ENTREVISTA

Roberto Jank Jr. analisa a fase atual vivida pelos mercados leiteiro e laranja



Junji Abe

Reforma agrária eficiente

Para acabar com o frenético êxodo rural, é preciso formar e informar o agricultor



Dar um pedaço de terra à família pobre e deixá-la lá, sem meios de garantir seu sustento, até que desista, não é reforma agrária. É prática cruel e oposta ao propósito de reduzir desigualdades sociais. O marco zero para qualquer política pública que se preze é colocar o ser humano em primeiro lugar.

No caso da reforma agrária, significa apurar os candidatos do programa que têm vocação para a agricultura. Tornar-se produtor rural é uma opção de vida e não um quebra-galho. Os vocacionados precisam receber, antes da terra, todo treinamento e, depois, assistência técnica permanente para produzir com eficiência e rentabilidade.

Parece simples. E é. Mas faltam consciência e vontade política.

O Brasil tem clima propício à produção agrícola o ano todo, além de boas fontes hídricas. Bem assistidos, os produtores que só atuam no mercado interno teriam tudo para abastecer nações desprovidas desses privilégios naturais, seguindo a trajetória de quem lida com commodities. Porém, o potencial só virará realidade com ações concretas.

Instituições como Embrapa e Anater precisam indicar culturas mais adequadas às regiões, em função do clima, solo e condições hídricas. O governo também tem de oferecer pesquisas, assistência técnica e extensão rural. São serviços que não atingem 85% dos míni e pequenos produtores. Se a situação já expulsa do campo gente vocacionada e com anos de experiência, imagine o que não faz aos assentados do modelo tosco de reforma agrária vigente?

No agronegócio, também não há espaço para amadores. A assistência permanente deve extrapolar técnicas de plantio e estratégias de comercialização para orientar, por exemplo,

a organização em cooperativas e associações. Com o suporte apropriado, os assentados irão se consolidar não apenas como produtores, mas sim como empresários rurais.

É falsa a ideia de que pequenas áreas produtivas têm baixa rentabilidade. A receita líquida anual de um hectare (10 mil metros quadrados) de orquídeas em estufas é de aproximadamente R\$ 200 mil. Ou seja, idêntica à registrada em 600 hectares de soja mecanizada, espaço 600 vezes maior.

Um pecuarista de leite, com 70 cabeças em 10 hectares (100 mil m²), obtém receita líquida anual de R\$ 97 mil. Ou, R\$ 8 mil por mês. Para atingir cifra semelhante, o produtor de soja mecanizada cultiva 345 hectares. São valores de referência, em mercado favorável, com boas condições climáticas e tecnologia. Contudo, são provas de que vocação, aliada a conhecimento e assistência técnica, dá bons frutos.

A valorização do capital humano, com qualificação e políticas públicas efetivas, viabilizaria a reforma agrária pacífica, barata e racional, além de disseminar a tônica de agricultura economicamente viável, socialmente justa e ambientalmente correta.

Sem reformulação do conceito de reforma agrária, o Brasil continuará em frenético êxodo rural, conduzido por famílias que abandonam terras recebidas, e deixam o campo mais miseráveis do que chegaram, congestionando bolsões urbanos de pobreza. Pior: o agronegócio permanecerá cativo de pseudolíderes, exploradores da fé pública que, sob o falso pretexto de defender os pobres, praticam crimes, como invasões e destruições de propriedade.



Junji Abe é líder rural, foi deputado federal pelo PSD-SP (fev/2011-jan/2015) e prefeito de Mogi das Cruzes (2001-2008)